RESSALVA

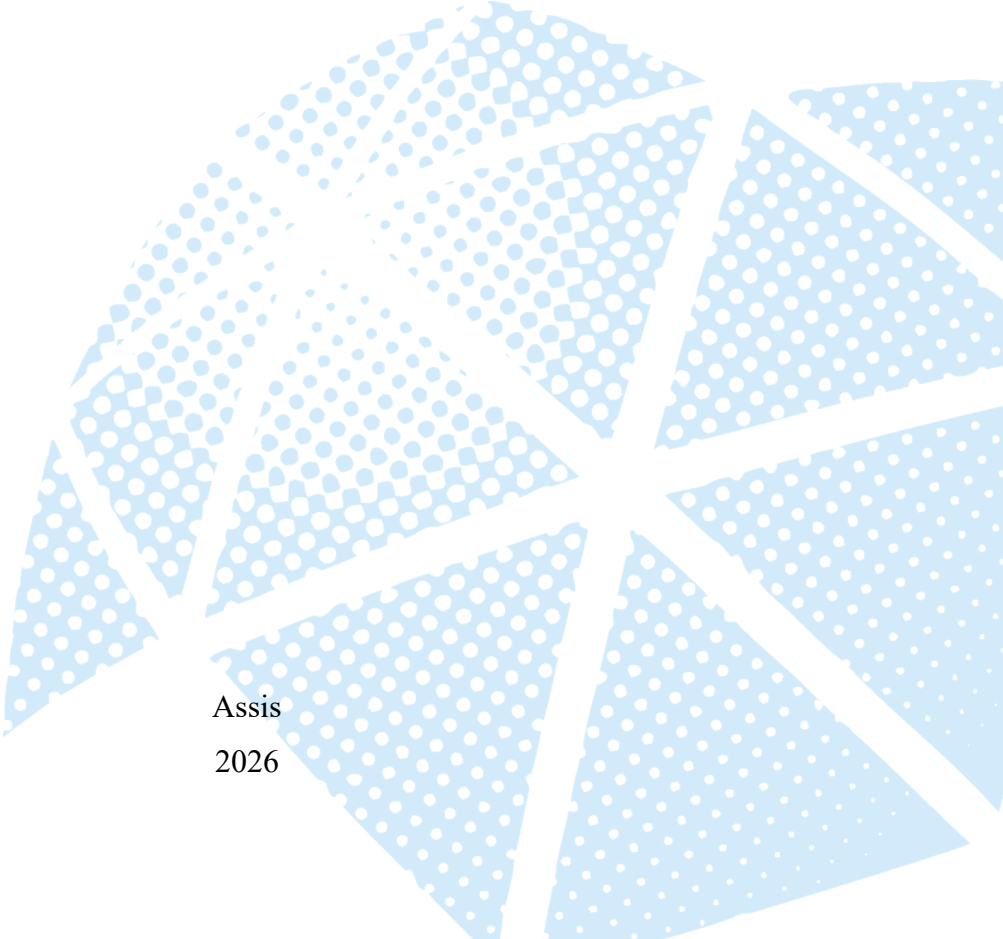
Atendendo solicitação do autor(a) o texto completo será disponibilizado somente a partir de

04/09/2027

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis

CIBELE BARBOSA FERREIRA

POÉTICA DA AMBIVALÊNCIA:
a consciência da fratura em Ana Cristina Cesar



Assis
2026

CIBELE BARBOSA FERREIRA

POÉTICA DA AMBIVALÊNCIA:

a consciência da fratura em Ana Cristina Cesar

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Literatura e Vida Social

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Kvacek Betella

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Assis

2026

F383p

Ferreira, Cibele Barbosa
Poética da ambivalência : a consciência da fratura em Ana Cristina Cesar / Cibele Barbosa Ferreira. -- Assis, 2026
144 p. : fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Gabriela Kvacek Betella

1. Ana Cristina Cesar. 2. Poesia Brasileira. 3. Poesia Contemporânea. 4. Crítica e Interpretação. 5. Poética. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta pesquisa espera contribuir para o avanço dos estudos sobre a literatura brasileira, com especial atenção à poesia contemporânea, ao oferecer uma nova interpretação da obra de Ana Cristina Cesar. Seus resultados poderão fortalecer a pesquisa, o ensino e a formação crítica de leitores, pesquisadores e professores, em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research is expected to contribute to the advancement of Brazilian literary studies, with particular emphasis on contemporary poetry, by offering a new interpretation of Ana Cristina Cesar's work. Its findings may strengthen research, teaching, and the critical education of readers, researchers, and teachers, in line with Sustainable Development Goal (SDG) 4.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE CIBELE BARBOSA FERREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 04 de setembro de 2026, às 8h30min, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de CIBELE BARBOSA FERREIRA, intitulada "POÉTICA DA AMBIVALÊNCIA: a consciência da fratura em Ana Cristina Cesar". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. GABRIELA KVACEK BETELLA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP / Câmpus de Assis - FCLAs, Prof. Dr. FABIANO RODRIGO DA SILVA SANTOS (Participação Virtual) do(a) UNESP / Câmpus de Assis - FCLAs, Profa. Dra. CRISTIANE RODRIGUES DE SOUZA (Participação Virtual) do(a) UNESP / Câmpus de Assis - FCLAs, Profa. Dra. ANA LÚCIA TREVISAN (Participação Virtual) do(a) Universidade Presbiteriana Mackenzie, Prof. Dr. GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Minas Gerais, Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final:_ APROVADA _ _ _ _ . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

gov.br Documento assinado digitalmente
GABRIELA KVACEK BETELLA
Data: 04/09/2026 12:41:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. GABRIELA KVACEK BETELLA

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À professora Gabriela Kvacek Betella, pelo incentivo desde nossos primeiros encontros, pela parceria constante e, sobretudo, por acreditar na minha escrita desde sempre.

À Irenice Maria Barbosa Ferreira, a primeira a colocar um livro em minhas mãos e que, desde então, segue me ajudando a ancorar meus navios. Ao Cleon Batista Ferreira, destemido artista que me ensinou o poder das histórias quando cantadas.

À Viviane Santos Bezerra, por ter me apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP e por inventar comigo as cidades invisíveis nas quais também existimos.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP, pelo compromisso permanente com a excelência do ensino público.

Ao professor Fabiano Rodrigo da Silva Santos e à professora Cristiane Rodrigues de Souza, pelas valiosas contribuições durante o Exame Geral de Qualificação, decisivas para o amadurecimento da versão final desta tese. À professora Cristiane, de modo especial, pela interlocução generosa nos estudos de poesia; por tornar possível minha participação na disciplina *A poesia, a crítica e o ensaio: o texto ensaístico na crítica de poemas modernos e contemporâneos*, cuja cuidadosa seleção de poemas e textos representou um impulso decisivo para esta pesquisa; e pela supervisão no Estágio de Docência da disciplina *Teoria da Poesia II*, experiência que me encorajou a pesquisar – e, sobretudo, a falar – sobre poesia.

Ao professor Gustavo Silveira Ribeiro e à professora Ana Lúcia Trevisan, pela disponibilidade em integrar a Banca Examinadora. É uma honra contar com a leitura e a interlocução de pesquisadores cuja produção tanto contribui para os estudos de literatura brasileira.

Ao Felipe e ao Lucas, que respeitaram, com tanta generosidade, o tempo dedicado aos meus estudos, mesmo quando isso significava adiar algumas brincadeiras.

À Benedicta, Marli e Marta, pela atenção com que transformaram cuidado em presença ao longo deste e de tantos outros percursos.

À Dayna e ao Fernando, pelo carinho, pela torcida e pelas palavras de incentivo.

Às amizades que a vida transformou em família, por trilharem comigo este e tantos outros caminhos.

À professora Lúcia Morales, pelas preciosas trocas e, sobretudo, por me ensinar que as diferenças são uma das mais belas formas de encontro.

Àqueles que, das mais diversas formas, tornaram possível trilhar – e habitar – este longo caminho de tantos anos de pesquisa: Beatriz e Iara; Luiz Carlos e Márcia; Angélica e Sérgio; Roseli e Dildo. Sem o apoio de vocês, esta rotina de estudos não teria sido possível.

À Anaí Vieira, por me acompanhar no paciente trabalho de encontrar a minha voz.

RESUMO

Esta tese investiga a poesia de Ana Cristina Cesar e sustenta que sua obra elabora uma poética da ambivalência fundada na consciência da fratura. A pesquisa concentra-se em poemas de *Cenas de abril* (1979) e nos inéditos reunidos em *A teus pés* (1982), por meio de uma abordagem comparativa voltada à análise de seus procedimentos de composição. A ambivalência designa a suspensão das dicotomias que historicamente organizaram a compreensão da lírica, enquanto a fratura revela o princípio que mantém abertas as tensões entre sujeito e mundo, expressão e representação, emoção e pensamento, ruptura e tradição. Argumenta-se que, em Ana Cristina, o sentido não antecede o poema, mas se produz pela reelaboração das relações entre linguagem, sujeito e história, de modo que a poesia opera como uma forma de conhecimento que resiste às formas autoritárias de pensamento ao manter essas relações sempre abertas.

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; ambivalência; fratura; poesia brasileira.

ABSTRACT

This dissertation investigates the poetry of Ana Cristina Cesar, arguing that her work develops a poetics of ambivalence grounded in an awareness of fracture. The research focuses on poems from *Cenas de abril* (1979) and previously unpublished poems collected in *A teus pés* (1982), adopting a comparative approach to the analysis of their compositional procedures. Ambivalence is understood as the suspension of the dichotomies that have historically shaped the understanding of lyric poetry, whereas fracture designates the principle that keeps open the tensions between subject and world, expression and representation, emotion and thought, and rupture and tradition. It is argued that, in Ana Cristina Cesar's poetry, meaning does not precede the poem but is produced through the reconfiguration of the relationships among language, subject, and history. In this way, poetry operates as a form of knowledge that resists authoritarian modes of thought by keeping these relationships perpetually open.

Keywords: Ana Cristina Cesar; ambivalence; fracture; Brazilian poetry.

SUMÁRIO

1 POESIA FERIDA 9
2 INVENTAR A PAISAGEM 12
2.1 SUJEITO – A PAIXÃO, A TERNURA, A MEMÓRIA 14
2.2 MÁSCARA – O SALTO, A CENA, AS LUVAS 28
2.3 TRAVESSIAS – A JANELA, O TÚNEL, A VARANDA 41
3 RASURAR A PAISAGEM 51
3.1 ATMOSFERA – O TEMPO FECHADO, A CONJUNTURA, O BARRIL DE PÓLVORA 53
3.2 TÉCNICA – AS AGULHAS, AS CHAVES, OS CHÁS 64
3.3 MOVIMENTOS – O TORPOR, O RISO, A FÚRIA 79
4 SER A PAISAGEM 93
4.1 TRADUZIR A RUPTURA – AS SOMBRAS, AS FOLHAS, AS CARTAS 94
4.2 TRADUZIR A TRADIÇÃO – A VITRINA, AS ÁGUAS, AS MARGENS 108
4.3 TRADUZIR A LÍRICA – O TRÂNSITO, O ACIDENTE, O FOGO 122
5 UMA LÍRICA NO AUGE DO AUTORITARISMO 128
REFERÊNCIAS 131
ANEXO A – "ANA C.", ANGÉLICA FREITAS 138
ANEXO B – CAPAS DAS OBRAS DE ANA CRISTINA CESAR 140

1 POESIA FERIDA

O que distingue a poesia de outras formas de linguagem talvez não seja aquilo que ela diz, mas aquilo que faz. O poema não apenas comunica uma experiência nem representa um estado do mundo: transforma as próprias relações pelas quais sujeito, linguagem e realidade se tornam pensáveis. A palavra poética não se limita a nomear aquilo que afeta o sujeito, afeta-o também, reorganizando continuamente as formas de perceber, lembrar, imaginar e conhecer. Sua força não reside em oferecer respostas, mas em manter abertas relações que outras formas de conhecimento tendem a estabilizar.

A poesia de Ana Cristina Cesar produz um efeito paradoxal. À primeira leitura, seus poemas criam para o leitor um espaço de intimidade: a voz se mostra próxima, a linguagem soa transparente e a experiência surge como imediatamente compartilhável. A releitura, porém, desfaz a evidência. Multiplicam-se vozes, deslocam-se interlocutores, tornam-se instáveis as imagens e o próprio sujeito deixa de ocupar um lugar fixo. O estranhamento não decorre da obscuridade, mas da própria proximidade. Quanto mais o poema sugere um centro para a leitura, mais o desloca, preservando ativa a tensão que o constitui.

Não são poucas as leituras que procuram estabilizar a escrita de Ana Cristina por meio de categorias como intimidade, confissão, autobiografia ou sinceridade, convertendo o poema em testemunho de uma experiência anterior à linguagem. Embora essas perspectivas tenham contribuído para iluminar aspectos importantes de sua produção, frequentemente subordinam a elaboração formal à busca de um significado último. A poesia de Ana C., entretanto, parece operar em sentido inverso. Em vez de resolver paradoxos, alimenta-os; em vez de conduzir a uma unidade do sentido, mantém em suspensão relações como sujeito e mundo, emoção e pensamento, intimidade e representação, tradição e invenção.

Esta tese sustenta que a singularidade dessa escrita reside na elaboração de uma poética da ambivalência fundada na consciência da fratura. A ambivalência não designa a convivência harmoniosa entre contrários nem uma síntese conciliadora das diferenças. Refere-se à suspensão da lógica que organiza determinados termos como mutuamente excludentes. Em Ana Cristina, dicotomias que historicamente orientaram a compreensão da lírica – sujeito e objeto, interior e exterior, emoção e pensamento, intimidade e representação – já não organizam o poema como alternativas incompatíveis; passam a compor um campo instável de relações. A palavra poética não escolhe um dos polos nem procura conciliá-los, pois faz da própria oscilação sua forma de produzir sentido.

A fratura constitui a condição formal dessa ambivalência. Ela não corresponde a uma ruptura consumada nem à perda de uma unidade anterior. Designa a permanência de uma abertura que impede a estabilização definitiva das relações entre linguagem e mundo, sujeito e identidade, indivíduo e história. A recorrente imagem do "filete de sangue nas gengivas", presente em um poema de Ana, oferece uma figura precisa desse procedimento: não a violência espetacular do rompimento, mas a persistência sensível de um corte ainda exposto. É porque a fratura permanece aberta que ruptura e continuidade deixam de constituir movimentos opostos para tornarem-se processos simultâneos da experiência poética.

Sob essa perspectiva, também a expressividade adquire outro significado. A poesia não se reduz à exteriorização de uma interioridade previamente constituída nem funciona como tradução imediata dos sentimentos do sujeito. A emoção não antecede o poema: constitui-se na própria organização da linguagem. Não existe um afeto puro que a palavra simplesmente comunique. A linguagem reorganiza as relações entre emoção, pensamento, memória e mundo, produzindo formas de experiência que não existiam antes de sua elaboração. O oxímoro, assim, ultrapassa a condição de figura retórica para tornar-se um princípio de conhecimento: alegria dolorosa, ternura cruel e paz inquieta coexistem numa mesma configuração poética.

A imaginação também adquire, nessa perspectiva, outro significado. Ela não é compreendida como faculdade subjetiva nem como oposição à razão, mas como potência relacional da linguagem. Imaginar significa produzir novas relações entre palavras, tempos, sujeitos e estruturas, fazendo aparecer configurações inéditas do sensível. É nesse movimento que a poesia resiste às formas autoritárias de pensamento: não por oferecer um conteúdo político determinado, mas por impedir que as maneiras de perceber o mundo se estabilizem definitivamente. É justamente essa reorganização das relações que esta tese denomina paisagem. A paisagem não corresponde ao cenário, nem ao espaço exterior em que o sujeito simplesmente se inscreve. Designa o movimento pelo qual a linguagem desfaz a aparente estabilidade do mundo, fazendo com que seus diferentes elementos se constituam reciprocamente. Mais do que um objeto representado, a paisagem é o campo de relações continuamente inventado, deslocado e transformado pelo poema.

Embora a obra de Ana Cristina Cesar circule entre poemas, cartas, traduções e ensaios críticos, esta pesquisa delimita seu corpus aos poemas de *Cenas de abril* (1979) e aos inéditos reunidos em *A teus pés* (1982) – volume que também incorpora as três obras anteriormente publicadas de forma independente pela poeta. O objetivo consiste em investigar os procedimentos formais que sustentam sua poética da ambivalência, privilegiando uma

perspectiva comparativa voltada para as relações que os próprios poemas estabelecem entre si. Mais do que isolar temas ou motivos recorrentes, interessa acompanhar o modo como imagens, ritmos, vozes e formas se transformam mutuamente.

Em *Inventar a paisagem*, investiga-se a constituição da subjetividade poética a partir da problemática do sujeito lírico. Em diálogo com a fortuna crítica da obra de Ana Cristina Cesar, a seção examina as relações entre identidade e alteridade, articulando as contribuições de Michel Collot (2018), Dominique Combe (2010) e Silviano Santiago (1986), cujas reflexões permitem compreender o sujeito não como origem da linguagem, mas como uma forma de relação continuamente produzida no poema. Em *Rasurar a paisagem*, analisa-se a relação entre poesia e experiência histórica a partir do conceito de fratura formulado por Theodor Adorno (2012). Em diálogo com Flora Süssekind (2004), demonstra-se que, na poesia de Ana C., a história não comparece como tema nem como conteúdo, mas se inscreve na própria organização formal do poema, preservando a memória do corte sem convertê-lo em representação transparente. Ao final, em *Ser a paisagem*, examina-se a relação entre poesia, tradição e ruptura a partir da tradução como princípio constitutivo da criação poética. Em diálogo com Octavio Paz (1984), T. S. Eliot (1989) e Antonio Candido (2004b), argumenta-se que a novidade poética não decorre da simples negação do passado, mas da reconfiguração contínua das relações pelas quais ele permanece legível. A tradição constitui-se, assim, como um campo permanentemente reinventado pela imaginação poética.

A escrita de Ana Cristina Cesar não representa conflitos nem procura reconciliar opostos. Suspende os regimes de exclusividade que sustentam dicotomias historicamente naturalizadas e faz da fratura uma condição permanente da linguagem. O poema não oferece um território estável ao pensamento, pois reorganiza continuamente suas fronteiras. Se a leitura tende a desenhar mapas capazes de orientar o sentido, a poesia insiste em incendiar essa cartografia no instante mesmo em que ela parece concluída. Cada poema redesenha o mundo não porque revele uma verdade escondida, mas porque modifica as relações pelas quais o mundo pode ser percebido. Talvez essa seja sua tarefa mais radical: manter aberta a ferida que a leitura, incessantemente, procura fechar.

5 UMA LÍRICA NO AUGE DO AUTORITARISMO

Esta pesquisa partiu da hipótese de que a singularidade da poesia de Ana Cristina Cesar não reside na tematização da intimidade, nem na adoção de uma linguagem coloquial ou fragmentária, mas na construção de uma poética capaz de colocar em crise os próprios regimes de estabilidade sobre os quais tradicionalmente se organizou a experiência da poesia. É possível compreender que essa crise não constitui um efeito secundário da escrita, mas seu princípio de composição. A ambivalência não designa a convivência pacífica entre contrários, tampouco a indecisão do sujeito diante do mundo. Ela corresponde à recusa de toda forma de organização que pretenda reduzir o encontro a um único princípio de inteligibilidade.

O autoritarismo não se limita aos regimes políticos que concentram poder ou restringem liberdades civis, embora determinados contextos históricos levem essa lógica a formas extremas de violência. Antes de se apresentar como sistemática governamental, ele constitui um modo de organizar a experiência. Seu princípio fundamental consiste em reduzir a pluralidade a um único horizonte, estabilizando sentidos, identidades e formas de percepção. Toda prática autoritária procura eliminar a contingência em favor da certeza, a interlocução pela afirmação, a pluralidade de vozes pela univocidade. É por isso que o autoritarismo não atua apenas sobre os corpos ou as instituições, mas também sobre a linguagem, buscando disciplinar seus usos, fixar significados e determinar antecipadamente as formas legítimas de dizer, interpretar e imaginar o mundo.

A poesia de Ana C. responde recusando qualquer princípio de autoridade capaz de ditar definitivamente a leitura. Seus poemas desconfiam da confissão como garantia de verdade, da autobiografia como fundamento do sujeito, da representação como espelho do mundo, da tradição como herança imutável e da ruptura como imperativo absoluto da modernidade. Também recusam a expectativa de que a literatura deva oferecer sentidos transparentes ou assumir uma função previamente determinada, seja como confissão do eu, representação do outro ou explicação do mundo. Não substituem um discurso autoritário por outro, desconstroem a própria lógica que sustenta a autoridade.

Por isso, a fratura que atravessa sua escrita não corresponde ao simples corte na linguagem nem à expressão de uma subjetividade dilacerada. Ela engendra um princípio de composição que preserva abertas as relações entre sujeito e mundo, passado e presente, emoção e pensamento, tradição e invenção. A fratura impede que qualquer matéria seja concebida sem

o sangue que a atravessa. A ambivalência torna-se, assim, uma ética da leitura antes mesmo de constituir uma categoria estética. Ler Ana Cristina exige renunciar ao desejo de dominação.

É nesse ponto que a cartografia se revela uma imagem próxima para compreender sua poética. Os poemas não oferecem mapas destinados a orientar definitivamente o leitor, antes, desenham uma geografia da interlocução, na qual sujeito, paisagem, memória e linguagem existem apenas pelas relações que estabelecem entre si. O poema não representa um território, produz relações entre lugares, vozes e leitores. O outro nunca aparece apenas como destinatário da palavra, pois ele é a própria condição de possibilidade da escrita. O poema existe porque continua enviando recados cuja chegada jamais coincide com seu ponto de partida. Cada leitor reinscreve o percurso da linguagem e modifica retrospectivamente a constelação dos poemas. Nenhum texto permanece isolado, pois cada um sobrevive na relação que estabelece com os demais.

Essa concepção desloca igualmente a compreensão da tradução. Traduzir nunca significou conservar intacto um legado nem destruí-lo para inaugurar o novo. Ao longo desta pesquisa procurou-se demonstrar que a palavra permanece justamente porque continua sendo retraduzida pelo poema. A permanência não decorre da estabilidade, mas da transposição. O passado sobrevive porque permanece sujeito a novas leituras, assim como os poemas de Ana Cristina, que solicitam a interpretação sem jamais se esgotarem nela. Nesse sentido, talvez a maior resistência de sua poesia ao autoritarismo resida precisamente na confiança que deposita no leitor. Não porque lhe transfira a responsabilidade arbitrária de produzir qualquer sentido, mas porque recusa antecipar o percurso da leitura. A imaginação torna-se uma prática compartilhada. A literatura não se limita a oferecer respostas, mas se apresenta como um espaço de elaboração da experiência. Inventar a paisagem é abrir um espaço onde a leitura possa traçar seus próprios percursos; rasurá-la é impedir que esses percursos se convertam em norma; ser a paisagem é reconhecer que sujeito e mundo deixam de ocupar posições exteriores um ao outro para constituírem-se reciprocamente. A poesia de Ana não oferece abrigo contra a história – abre caminhos para habitá-la de outro modo.

Talvez por isso seus poemas permaneçam vivos. Não porque tenham encontrado uma interpretação definitiva, mas porque continuam produzindo novas leituras, novas interlocuções, novas cartografias. Permanecem porque recusam a saturação do sentido – continuam enviando recados. Permanecem, enfim, porque lembram que a liberdade da poesia não consiste em escapar do mundo, mas em impedir que ele seja reduzido a uma única forma de ser apreendido.

Talvez toda leitura de Ana Cristina termine por se converter em uma carta. Esta pesquisa também o é.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o ato de criação?. In: AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato.* Tradução de Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 59-81.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios.* Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-73.

ALMINO, Elisa Wouk. Ana C.'s dress. *Los Angeles Review of Books*, 2021. Disponível em: https://lareviewofbooks.org/short-takes/ana-c-s-dress/. Acesso em: 09 ago. 2025.

ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira.* 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 231-255.

ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas, Poesias reunidas*, v.7. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. Paris: Sans Pareil, 1925.

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis:* a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. p. 01- 20.

BACHELARD, Gaston. A dialética do exterior e do interior. In: BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 215-233.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal:* ao pé da fonte. Tradução de Margarida Patriota. Rio de Janeiro : 7Letras, 2021.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 851-881.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire:* um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). 2. ed. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. p. 101-119.

BENTO, Sergio Guilherme Cabral. Pílulas, posts e piadas: a brevidade como éthos da poesia brasileira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 58, p. 1–13, 2019. DOI: 10.1590/2316-40185815. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2316-40185815. Acesso em: 11 jun. 2025.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes; Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 277-315.

BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BOSI, Alfredo. Poesia Resistência. In: BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p. 139-192.

BOSI, Viviana. *Poesia em risco:* itinerários para aportar nos anos 1970 e além. São Paulo: Editora 34, 2021.

BRITO, Antônio Carlos de. Grupo Escolar [1974]. In: CACASO, *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CABAÑAS, Teresa. Os surpreendentes caminhos da estética: a poesia marginal dos anos 70. *Revista Chilena de Literatura*, *[S. l.]*, n. 88, 2014. Disponível em: https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/36075. Acesso em: 3 maio 2026.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Atrás dos olhos pardos*: uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar. Chapecó: Argos, 2003.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. Plano piloto da poesia concreta. In: CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta*: Textos Críticos e Manifestos (1950-1960). 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1975. p. 156-158.

CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas*, *Poesias Reunidas*, v. 7. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974, p. 09-59.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 109-138.

CANDIDO, Antonio. A literatura brasileira em 1972. *Revista Iberoamericana*, v. 43, n. 98–99, p. 5–16, 1977. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/abs/10.5195/reviberoamer.1977.3206>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CANDIDO, Antonio. Literatura comparada. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004a. p. 229-233.

CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2004b.

CESAR, Ana Cristina. *Literatura não é documento.* Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

CESAR, Ana Cristina. *Portsmouth, 30-6-80, Colchester, 12-7-80.* São Paulo: Duas Cidades, 1990.

CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Organização de Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Moreira Salles: Aeroplano Editora, 1999.

CESAR, Ana Cristina. Organização de Viviana Bosi. *Antigos e soltos:* poemas e prosas da pasta rosa. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CLAUDIO, Ivan. Fragmentos da tormenta. *Isto É,* São Paulo, Três Editorial, 21/12/94, n.1316, p. 120-121.

COLLOT, Michel. Pensamento-paisagem. In: COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução de Ida Alves *et al.* Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013a. p. 17-47.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Tradução de Zênia de Faria e de Patrícia Souza Silva Cesaro. *Signótica*, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 221–241, jan./jun. 2013b.

COLLOT, Michel. *A matéria-emoção.* Tradução de Patricia Souza Silva. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada: O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. *Revista USP,* São Paulo, Brasil, n. 84, p. 113–128, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i84p113-128. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13790. Acesso em: 15 fev. 2026.

CONTI, Mario Sérgio. Perigo de viver, *Veja*. São Paulo, 23 de out. 1985. p. 111.

CRUZ, Sebastião Velasco; MARTINS, Carlos Estevam. De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da "abertura". In: SORJ, Bernardo; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de (org.). *Sociedade e política no Brasil pós-64*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 13-61.

DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação? In: DUARTE, Rodrigo (org.). *O belo autônomo*: textos clássicos de estética. Tradução de João Gabriel Alves Domingos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2012, p. 385-398.

DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia?. Tradução de Tathiana Rios e Marcos Siscar. *Inimigo Rumor*, n. 10, 2001. p. 113- 116.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros cantos.* Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1846.

ELIOT, T.S. Tradição e Talento Individual. In: ELIOT, T.S. *Ensaios.* Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

FARIA, Alexandre (org.). *Anos 70*: poesia e vida. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2007.

FERREIRA, Kathia. Segredos de Ana C.. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/05/2001, Caderno B, p.01. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pesq=Kathia%20Ferreira&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=41419. Acesso em: 05 maio 2023.

FREITAS, Angélica. *Canções de atormentar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. Tradução de Marise M. Curioni; tradução das poesias: Dora F. da Silva. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

GALVÃO, Raquel Machado. *Conexões críticas*: Ana Cristina Cesar e Mário de Andrade. São Paulo: Conexões Críticas, 2024. DOI: 10.13140/RG.2.2.17268.05764. Disponível em: https://sites.usp.br/conexoescriticas/criticadacritica/ana-cristina-cesar-e-mario-de-andrade/. Acesso em: 03 abr. 2026.

GALVÃO, Raquel Machado. *Conexões modernistas e marginais*: Ana Cristina Cesar leitora de Oswald de Andrade. São Paulo: Conexões crítica, 2026. DOI:10.13140/RG.2.2.26919.10404. Disponível em: https://sites.usp.br/conexoescriticas/criticadacritica/ana-cristina-cesar-e-oswald-de-andrade/. Acesso em: 03 abr. 2026.

GAMA, Mônica. "Agora irretocável prefiro ficar fora, só na capa do seu livro" e "papel que desistiu de dar recados": processo de criação de Ana Cristina Cesar. *Manuscrítica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, Brasil, n. 38, p. 4–7, 2019. DOI: 10.11606/issn.2596-2477.i38p4-7. Disponível em: https://revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177944. Acesso em: 17 jun. 2025.

GARRAMUÑO, Florencia. Ana Cristina Cesar, Los secretos de la esfinge. *Grumo*, n. 2, Buenos Aires, nov. 2003. P. 66-73.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAMBURGER, Käte. O gênero lírico. In: HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. Tradução de Margot P. Malnic. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p. 167-209.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*: tensões na poesia modernista desde Baudelaire. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HARDMAN, Francisco. Para sempre, o enigma, *Leia livros*, nº 64, São Paulo, dez 1983.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Antologia de poesia brasileira hoje. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.42/43, "Poesia brasileira hoje". Rio de Janeiro, jul.- dez. 1975, p. 43-45.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Labor, 1976.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. A imaginação feminina no poder. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1981, caderno B, p. 10. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=heloisa%20buarque%20de%20hollanda&pagfis=30535 .Acesso em: 15 jul. 2025.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Impressões de viagem*: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IANNI, Octavio. O estado e a organização da cultura. *Revista Encontros com a Civilização. Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, V. 1, p. 216-241, jul. 1978.

LEONE, Luciana di. *Ana C.:* as tramas da consagração. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MALUFE, Annita Costa. *Territórios dispersos*: a poética de Ana Cristina Cesar. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

MALUFE, Annita Costa. *Poéticas da imanência*: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar. Rio de Janeiro: 7Letras/Fapesp, 2011.

MORICONI, Italo. *Ana Cristina Cesar:* o sangue de uma poeta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MORICONI, Italo. Ana Cristina no tribunal da leitura. *Poesia Sempre*, Rio de Janeiro, ano 8, nº 12, p. 306-307, maio de 2000.

ORTIZ, Renato. Estado autoritário e cultura. In: ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 79-126.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*: do romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAZ, Octavio. *O Arco e a lira.* Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época*: poesia marginal anos 70. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

RIAUDEL, Michel. Ficar fora de si: a tradução à deriva, in LABORIE, Jean-Claude (org.). *Tempo Brasileiro*, n. 169, "Os significados do excesso". Rio de Janeiro, abr.-jun. 2007, p. 67-81. Disponível em: https://app.docvirt.com/revtempbras/pageid/22361. Acesso em: 5 mar. 2025.

RIAUDEL, Michel. *A nebulosa marginal e Ana Cristina Cesar:* intertextualidade e transferências (Brasil, Estados Unidos e Europa): reescritas da modernidade poética na obra de Ana Cristina Cesar. Vol. I. Tradução de Bruno de Oliveira Couto, Raquel Machado Galvão e Victoria Zanetti Largura. Belo Horizonte: Mambembe Livros; Conexões Críticas, 2025a. E-book. Disponível em: https://sites.usp.br/conexoescriticas/ebooks/ebook-a-nebulosa-marginal/. Acesso em: 16 ago. 2025.

RIAUDEL, Michel. *Ana Cristina Cesar: o prisma da tradução:* intertextualidade e transferências (Brasil, Estados Unidos e Europa): reescritas da modernidade poética na obra de Ana Cristina Cesar. Vol. II. São Paulo: Ed. do autor, 2025b. E-book. Disponível em: https://sites.usp.br/conexoescriticas/ebooks/ebook-o-prisma-da-traducao/. Acesso em: 07 maio 2026.

RIAUDEL, Michel. *Ana Cristina Cesar: a arte de trançar vozes:* intertextualidade e transferências (Brasil, Estados Unidos e Europa): reescritas da modernidade poética na obra de Ana Cristina Cesar. Vol. III. São Paulo: Ed. do autor, 2026. *E-book.* Disponível em: https://sites.usp.br/conexoescriticas/ebooks/ebook-a-arte-de-trancar-vozes/. Acesso em: 11 jun. 2026.

SANT'ANNA, Alice. Meios de Transporte. *Serrote*, #23 ½, p. 2 – 21, Edição especial para a FLIP 2016. Disponível em: https://revistaserrote.com.br/2016/06/meios-de-transporte-por-alice-santanna/. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTIAGO, Silviano. "Poesia jovem: roteiro de velhas vanguardas, à tropicália e ao marginal mimeografado". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, dez. 1975. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=68050. Acesso em: 23 maio 2025.

SANTIAGO, Silviano. Os abutres; O assassinato de Mallarmé. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. p. 123-138; 179-189.

SANTIAGO, Silviano. A repressão e censura no campo das artes da década de 70. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa:* ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 47-55.

SANTIAGO, Silviano. Singular e Anônimo. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 5, 1986, p. 95-105. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/27809. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTIAGO, Silviano. Prosa literária atual no Brasil. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002a. p. 28-43.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002b. p. 108-144.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: SCHWARZ, Roberto. *O Pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 61-92.

SHIMMA, Emi; MODERNELL, Renato. "Depressão e arte, uma conexão secreta". *Globo Ciência,* São Paulo, Ed. Globo, abril de 1996, p. 54-57.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*: ensaios sobre a "crise da poesia" como *topos* da modernidade. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

SISCAR, Marcos. *Ana Cristina Cesar*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

SISCAR, Marcos. Sobre uma fotografia de Ana Cristina Cesar. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Inconfissões*: Fotobiografia de Ana Cristina Cesar. São Paulo: IMS, 2016, p. 100-101.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual romance?* Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*: polêmicas, diários e retratos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *Até segunda ordem não me risque nada*: os cadernos, rascunhos e a poesia-em-vozes de Ana Cristina Cesar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

SÜSSEKIND, Flora. "Hagiografias". In: SÜSSEKIND, Flora. *Coros, contrários, massa*. Recife: Cepe, 2022. Livro eletrônico: epub. n.p.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. *A palavra perplexa:* experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70. São Paulo: Hucitec, 2011.